

**IV PROJETAR 2009**  
**PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA**  
**FAU – UPM – São Paulo, Brasil**  
**Outubro, 2009**

**Eixo: HIBRIDAÇÃO**

**PROJETANDO O 'ENTRE': memória, corpo, cidade**

**PINHEIRO, Ethel**

Arq., MSc., doutoranda Proarq-UFRJ, Professora Assistente FAU-UFRJ  
Rua Joaquim Cardozo, 1605 – Recreio, RJ  
ethelp@ufrj.br; ethelp31.3@gmail.com

**DUARTE, Cristiane Rose**

Arq., Dr. (Sorbonne), Professora Titular FAU-UFRJ  
Av. Sernambetiba, 16.200, ap. 201 – Recreio, RJ  
crduarte@ufrj.br; crsduarte@gmail.com

## RESUMO

Pensar o espaço, em seu conceito *lato*, é tarefa sobre a qual se debruçam diversas ciências. A arquitetura, interpolando teoria e prática, assume variadas posturas que vêm desbravando soluções no ato de projetar este espaço – seu instrumento de comunicação. No âmbito acadêmico, outras questões têm adentrado este campo concernente à investigação da imagem da cidade/espaço atual. Algumas certezas têm nos rondado; a primeira delas, o reconhecimento de que as estruturas que nos permitiram definir cidade se inverteram quase totalmente em pouco mais de dez anos (ou, a partir do século XXI) e que a reflexão do que é cidade, e como projetá-la, tornou-se uma questão. A segunda certeza, de que os fragmentos de cidade (seus espaços de convívio públicos ou privados, seus edifícios e pontos notáveis) não são o bastante para caracterizar a complexidade dos grandes centros e que o corpo atuante sobre ela ocupa lugar de destaque - como pronunciam diversos novos instrumentos de análise espacial. Estas duas certezas nos levaram ao reconhecimento de que além da cidade fisicamente estabelecida e da cidade a ser edificada existe um ENTRE, que é vivido e é cidade, como Certeau (1994) comentou em suas 'caminhadas pela cidade'. Esta cidade é conformada por um conceito que temos destrinchado em nossos estudos doutorais, o da 'memória do futuro'. Proporemos neste artigo a discussão do conceito *memória do futuro*, sendo visto como o elo que associa o espaço da cidade em que se catalisam as lembranças e aquele produzido por um ideário individual e coletivo. Da mesma forma, tomaremos algumas teorias vigentes como base para nossas deliberações sobre o papel da memória e do corpo contemporâneo na fabricação de uma nova imagem de cidade. Objetivamos, com isso, dar matéria à investigação da arquitetura como prática, como sujeito e como ciência que abraça, hoje, a multiplicidade.

**Palavras-chave:** ambiente; corpo; memória; hibridação.

## ABSTRACT

Thinking about 'space' is worth considering to some sciences. Inwards theory and practice, architecture has been struggling with some approaches that aim to find solutions for the act of designing – architecture's first communicational instrument. In the academic realm, some other questions have joined the investigation of the image produced by cities/spaces nowadays. And, so forth, some acknowledgements have come out: the first of them says that the structures that have made possible to understand the idea of city, for decades, have almost completely changed in less than twelve years (more likely in the XXI Century) and that the understanding of 'what a city is' has become an issue. The second acknowledgement refers to the awareness that the fragments of the city (public or private premises, buildings and landmarks) are no longer enough to characterize the complexity of major cities and that body plays a crucial role – as many new spatial analysis instruments have told. These two long components have conducted us to the following statement: besides the physical idea of city and the tomorrow-city there is a BETWEEN, which is experienced and is definitely a city, according to Certeau (1994). This city is molded by the concept we have been developing in our doctoral studies – the *memory of the future*. This kind of memory works as the link that binds the physical space of the city where we group our memories and that one produced by an individual and collective imagery. Moreover, we will use some update contemporary theories as a stage for discussing the role of memory and body in the production of a new spread image of the city. Our goal is to strengthen the architectural investigation as practice, subject and as a science that embraces multiplicity.

**keywords:** atmosphere; body; memory; hybridization.

## RESUMEN

Pensar el espacio, en su concepto lato, es tarea a que se dedican diversas ciencias. La arquitectura, interpolando teoría y práctica, asume variadas posturas que vienen dibujando soluciones al proyectar este espacio – su instrumento de comunicación. En el ámbito académico, otras cuestiones adentran ese campo concerniente a la investigación de la imagen de la ciudad/espacio actual. Algunas certidumbres nos rondan. La primera es el reconocimiento de que las estructuras que nos permitieron definir ciudad se invirtieron casi totalmente en poco más de diez años (o a partir del siglo XXI) y que la reflexión de lo que es ciudad y como proyectarla se tornó una cuestión. La segunda, que los fragmentos de la ciudad (sus espacios de convivencia públicos o privados, sus edificios y puntos notables) no son suficientes para caracterizar la complejidad de los grandes centros y que el cuerpo actuante sobre ella ocupa lugar de destaque – como pronuncian diversos nuevos instrumentos de análisis espacial. Esas dos certidumbres nos condujeron al reconocimiento de que, además de la ciudad físicamente establecida y la ciudad a ser edificada, existe un ENTRE, que es vívido y es ciudad, como Certeau (1994) comentó en sus 'caminhadas pela cidade'. Esa ciudad es conformada por un concepto que pormenorizamos en nuestros estudios doctorales: la 'memoria del futuro'. Nos propondremos en este artículo la discusión de esta 'memoria del futuro', que será vista como el eslabón que asocia el espacio de la ciudad en el que se catalizan los recuerdos y aquél producido por un ideario individual y colectivo. De la misma manera, nos apoyaremos en algunas teorías vigentes para nuestras deliberaciones sobre el papel de la memoria y del cuerpo contemporáneo en la fabricación de una nueva imagen de la ciudad. Objetivamos con eso dar cuerpo a la investigación de la arquitectura como práctica y como sujeto que abraza hoy la multiplicidad.

**Palabras-clave:** ambiente; cuerpo; memoria; hibridación.

## POR QUE CIDADE?

Antes de iniciar a tessitura de uma malha de considerações, cabe-nos narrar um fato importante no desenvolvimento das pesquisas acerca deste trabalho; depois de muitos questionamentos pessoais sobre o direcionamento de nossas investigações, uma resposta tardia, porém providencial, chegou-nos com a pergunta: “o que nos afligiu?”. Afligiu-nos reconhecer que as estruturas sociais e físicas que permitiram definir ‘cidade’, se inverteram quase totalmente em pouco mais de uma década (ou, justamente, a partir do século XXI) e que o reconhecimento do que É CIDADE se tornou uma questão, como expressamos no resumo deste trabalho.

Não por coincidência, esta pergunta inflamou os rumos de nosso texto e pôde cimentar uma nova busca por respostas. Destas respostas comporemos este artigo, que se preza a considerar a investigação do tema ‘cidade’ como uma investigação correlata do tema ‘projeto’, num contexto plural e híbrido: a cidade contemporânea.

A cidade, este objeto transdisciplinar por excelência, recusa qualquer abordagem que a fragmente em domínios parciais do conhecimento disciplinar. Talvez seja ela o único espaço onde é possível conquistar nossa liberdade e humanidade plenas e, talvez por isso, a noção de cidade parece-nos cambiável às necessidades e exigências momentâneas. Como num conjunto de fotografias em movimento, como num filme não linear, ela narra histórias múltiplas, diversificadas e diferentes das classificações que a modernidade há pouco nos ensinou. Quanto mais tentamos nomear a cidade atualmente, mais ela aparece ‘em outra parte’ – com outros nomes, outra roupagem.

Crendo nisso, nossas pesquisas sobre o tema *espaço e cidade* se encaminharam para a busca de assuntos que aparecem no cenário atual como condutores de uma complexidade cada vez mais pungente. Questões como *representação, transitoriedade e memória* circulam por entre as novas formas de apreensão das cidades contemporâneas, na crise tática do corpo que não necessita de muitos esforços para se locomover – e se mantém dessensibilizado – e no movimento cada vez mais acelerado de informação e bens de consumo, fornecendo nas cidades espaços sucumbidos à força maior da *vertigem*.<sup>1</sup>

Baseando-nos em Duarte (2002), cremos que esta aparelhagem do conceito de espaço (e definitivamente da noção atual de cidade) veio com a modificação das matrizes espaciais urbanas a partir dos anos 1960: em oposição ao espaço moderno hegemônico (e homogêneo) dos planos e propostas ofertados desde o final do século XIX, surge a revalorização das características próprias a cada lugar, culminando numa miscelânea de opiniões intervencionistas no século XXI e na adoção de conceitos mais humanistas para a interpretação dos espaços – entre eles, a noção de *Ambiência* que temos desenvolvido dentro do conjunto de estudos sobre arquitetura e subjetividade no grupo ASC-Proarq.<sup>2</sup>

Ainda acompanhando Duarte (Op.cit., p. 37), nossa inquietação sobre o tema ‘cidade’ se depara com a pergunta: “*qual o papel das cidades [fixas, concretas] na nova sociedade informacional [construída através de redes flexíveis de fluxos de materiais, pessoas e, sobretudo, informação]?*”. Se esta dúvida é genuína, se ela também faz parte de nossa pergunta: “*o que nos aflige na cidade, que é ao mesmo tempo de concreto e de matéria impalpável[?]?*” – ela, assim, nos auxilia a compreender que além do que observamos, além do que a visão nos proporciona, outros elementos participam da interpretação dos espaços físicos e nos guiam para a (re)estruturação de sua representação imagética – assim como (deveriam) para suas intervenções arquitetônicas.

Entendemos que as mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos ocasionam uma interpretação diferenciada de cidade e regem as novas relações entre o vivido e o concebido. Neste sentido, a noção de ‘espaço’ começa a se desarticular frente às solicitações de um novo habitante cidadão, mais ágil, menos paciente, mais preocupado com a utilização de seu tempo útil, menos ligado às especificidades e exigências da vida social imposta nos séculos antecedentes. Torna-se evidente que outros conceitos de interpretação do espaço devem surgir em simultaneidade e estes devem servir para auxiliar os novos planos (gerais e pontuais) que surgem na área da arquitetura e do urbanismo.

<sup>1</sup> **Vertigem** (s.f.): sensação de falta de equilíbrio no espaço, de estar ‘fora do espaço’, que faz parecer ao indivíduo girarem ou moverem-se todos os objetos a sua volta. Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções, Vol. I, Paris: *Librairie Larousse*, 1981.

Esta vertigem, de compreensão puramente psíquica (como nos coloca o dicionário de termos léxicos) não se encaixa, exatamente, no que propomos dentro de nossos questionamentos sobre a cidade contemporânea. Focamos **vertigem** por seu lado conflituoso, que geralmente se emprega na utilização de um truque promovido pela ilusão do olhar, da mesma forma que Merleau-Ponty (2002, p. 27) coloca: “(...) é verdade que ao observar sinais na noite, ao ver passar sobre as lâmpadas imóveis as letras lentas e rápidas do letreiro luminoso, pareceu-me ver surgir ali uma notícia (...), mas isso, enfim, é apenas miragem”.

<sup>2</sup> Grupo de pesquisa sediado no CNPq ‘Arquitetura, Subjetividade e Cultura’, sob coordenação da Prof. Dr. Cristiane Rose Duarte.

Diante disso, a certeza de que os fragmentos de cidade (seus espaços de convívio públicos ou privados, seus edifícios e marcos), como outrora defendido, não são simplesmente bastantes para caracterizar a complexidade que os grandes centros incorporam; e que a imagem das cidades (dentro de uma teoria da Representação, apontada por Moscovici (1978)<sup>3</sup> tem sido trabalhada de forma a incorporar outros componentes de ordem sensorial e subjetiva, chegamos ao reconhecimento de que entre a cidade fisicamente estabelecida e a cidade a ser edificada existe um ENTRE, que é vivido e **é cidade**, como Certeau comentou em suas 'caminhadas pela cidade' (Certeau, 1994, p. 171-172).

(...) escapando às totalizações imaginárias do olhar existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, que se destaca sobre o visível. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de 'operações' ('maneiras de fazer'), a 'uma outra espacialidade' (uma experiência 'antropológica', poética e mítica construtora do espaço) e a uma mobilidade opaca. **Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível e é, de fato, cidade** [grifo nosso].

Esta cidade 'entre', como cremos, intermedia a incorporação da cidade atual e é conformada pelo conceito de 'Memória do Futuro'. Este conceito difere do que entendemos rudemente como memória, associada a um processo de "perder e ganhar" ou simplesmente "relembrar"; ao contrário, a memória que adotamos é infiltrada, se contamina da vivência físico-espacial e, por isso, se amplia no campo sensitivo de quem experimenta a cidade. Sensibilidade é questão de ordem para o reconhecimento das instâncias que ampliam o sentido de adaptação do homem ao seu meio. Neste processo, o corpo oferece, explícita, sua experiência.

No campo da arquitetura, esta afirmativa implicou rever estratégias de avaliação e incorporação de dados cabíveis ao desenvolvimento de qualquer plano de intervenção. Mas incidentalmente nos perguntamos se este processo é realmente recíproco: são as cidades ou os homens que se adaptam?

Há quase cinquenta anos, alguns teóricos comprometidos com uma relação fenomenológica com o lugar (e com a arquitetura) se entranharam na seara da dimensão existencial colocada sobre o mundo construído, recuperando termos e ideais propostos desde os romanos (cujo termo *genius loci* lhes pertence), mais tarde (no final da década de 1960) definido como 'caráter' por Aldo Rossi (1995), justamente culminando no período definido como 'crise das matrizes espaciais' por Duarte (2002). Na esfera específica da percepção, mais próxima do corpo, uma contribuição significativa veio com a aproximação da fenomenologia de Merleau-Ponty (1996), que ajudou a sustentar discursos favoráveis a uma arquitetura (e cidade) mais sensualista, onde a corporeidade aparece explorada nas suas camadas sensíveis e é vista nas falas em defesa de experiências não ordinárias com o ambiente construído<sup>4</sup>.

*"É fato que os esforços da filosofia de cunho fenomenológico ou existencialista contribuíram para estruturar toda uma teoria da experiência arquitetônica e amparar a defesa das noções de Ambiente e Lugar fortalecidas na revisão do movimento moderno após o final da segunda guerra",* como coloca Engel (2006). Assim, contrapondo-se ao modelo do espaço cartesiano – matemático, transparente à razão – emergia a noção de um espaço da experiência, existencial. Arquitetura e cidade passavam a ser pensadas em

---

<sup>3</sup> O conceito de 'Representação Social' surgiu do trabalho pioneiro de Serge Moscovici, intitulado *La Psychanalyse, son image e son public* (tese defendida em 1961), que se ocupava do estudo da difusão da psicanálise em diferentes âmbitos da população parisiense da referida época, de sua apropriação e transformação pela mesma para outras funções sociais. Egressa da tradição da sociologia do conhecimento, a proposta se tornou o cerne de uma abordagem psicossociológica do mesmo, ambicionando a redefinição dos problemas da psicologia social. MOSCOVICI defendeu a tese de que a representação social da psicanálise era multifacetada, ou seja, que a visão consensual da psicanálise diferia de forma consistente da definição científica da mesma.

Dentro dos parâmetros desenvolvidos para a análise da representação, Moscovici (1978, p.111-112) descreve as duas formas de elaboração das representações sociais: a objetivação e a amarração (ancoragem). Por objetivação entende-se a formação de conceitos através da reprodução física de idéias (naturalização) e também a organização do que observamos na natureza em conceitos pré-existentes (classificação). Nas palavras de Moscovici (1978, p.111) "objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as (e adotando assim certa distância a seu respeito). É também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo". Por ancoragem Moscovici define uma classificação do desconhecido pelas vias do que é conhecido. O termo ancoragem sugere isso mesmo: se não conhecemos alguma coisa e ouvimos falar dela, tendemos a relacioná-la com algo que já conhecemos, convertendo-as de estranhas a familiares.

<sup>4</sup> Referências explícitas à fenomenologia de Merleau-Ponty aparecem em textos de arquitetos como Steven Holl, Juhani Pallasma e Alberto Pérez-Gómez.

continuidade à nossa corporeidade, ligadas à experiência atual, embora não desvinculadas do nosso horizonte histórico e cultural<sup>5</sup>.

Após o choque das reticências trazido pelo modernismo e pelo a-historicismo que lhe foi próprio em seu 'estilo internacional', lembrar as necessidades específicas de habitação, mobilidade e crescimento adequado das cidades tem sido recorrente nos estudos arquitetônicos atuais, mesmo que em tempos anteriores tenham sido antecipadamente maculadas por uma fase 'pós-modernista' que se encarregou de, antes, criticar pela força para, depois, aprender com a crítica.<sup>6</sup>

Por esta razão, questionar sobre a cidade, hoje, requer um passo adiante sobre o papel do corpo, dos sentidos e da memória. Toda experiência corporal articula um duplo: um movimento externo e extensivo, mas visível, feito por deslocamentos; e um intensivo e interior, dentro da existência humana, no conjunto de suas memórias, de sua inteligência e sensibilidade.

Os sentidos humanos olham, cheiram, tocam, escutam o mundo e afastam-se dele para desejá-lo. Assim, a memória do futuro é aquela que faz existir o lugar da experiência. Trata-se da memória não (arquivista) do passado (enquanto realidade indestrutível), mas memória que talha no espaço o tempo do devir, lá onde o desejo traceja e habita o espaço. Memórias que estabelecem o presente-passado de forma a presentificar o futuro.

## [DES]FOCANDO MEMÓRIA

Falar de Memória, antes da capacidade de evocar, é explorar a noção de tempo; nos últimos anos, as considerações sobre *tempo* e *espaço* têm direcionado os usuários para um 'encontro às escuras' dentro dos conceitos desenvolvidos para 'cidades genéricas' e 'efêmeras' (Koolhaas, 1995; Mitchell, 1995), visto que o segundo (tempo) não se pronuncia favoravelmente nem positivamente ao primeiro (espaço). O espaço, para esses conceitos, não é mais que um 'palco' asséptico para as interações humanas e a vida urbana. Estas noções falharam, por sua vez, em não considerar que o 'palco' interage com a vida urbana e com diferentes instantes de apreensão que doam *velocidades* específicas na cognição ambiental e deslocamentos coordenados pelas novas 'inserções' urbanas.

Dentro desses aspectos, a variação da noção de tempo comporta uma 'miscigenação', que produz a interpolação da 'real' existência do espaço com as conseqüências de formas diferenciadas de fixação do tempo. Surge, assim, um referencial 'tempo' justaposto, ou muitas vezes inerte, onde a contagem das horas não é a mola propulsora, onde definições e especulações não se fazem necessárias, onde o relógio que controla os percursos é ditado por uma agenda ou uma lista de prioridades e onde a experiência de espaço não é dada simplesmente pela quantidade de minutos despendida no local, mas pela intensidade com que mergulhamos nas dimensões volumétricas, por meios físicos ou mesmo digitais. Assim, o espaço passa a ser um *médium* entre os diversos contextos temporais e o tempo histórico dá margem a novas interpretações do tempo 'geral'.

Huyssen (2000) coloca que o fim do século XX foi marcado por um deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo; e este 'tempo das cidades' é um escrutinador das relações de permanência e apropriação, de acordo com a intensidade da permanência em determinadas situações. Diante das transformações dos desejos e aspirações sociais, deslocamo-nos assim para uma sensação temporal de justaposição de tempos; para o autor (2000, p. 75) "*quanto mais rápidos somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mas forte é o nosso desejo de ir mais devagar e encontrar a um resíduo temporal em busca de conforto*". Esta visão do tempo aglutinado destoa daquela que o representa linearmente – a mais compreensível nas sociedades ocidentais.

---

<sup>5</sup> Incluem-se nesta fenomenologia autores como Joseph Rykwert, Ernesto N. Rodgers, Kenneth Frampton, e Christian Norberg-Schulz, cujas obras apresentam traços do pensamento de Martin Heidegger.

<sup>6</sup> Alguns arquitetos 'pós-modernos' (entre eles Robert Venturi, Michael Graves, Charles Moore, Aldo Rossi e James Stirling) utilizaram uma série de estratégias para estabelecer a crítica do modernismo, principalmente a sua versão mais difundida e homogênea: o estilo internacional. Entre estas estratégias a principal foi a reavaliação do papel da *história*, reabilitada na composição arquitetônica, principalmente como meio de provocação e crítica à austeridade do modernismo. Philip Johnson (antes um ávido defensor do *estilo internacional*), por exemplo, adotou uma postura irônica em seus projetos utilizando um "armário antigo" como referência formal para o seu edifício da AT&T em Nova Iorque. A cidade histórica, então recuperada, foi reestudada em busca da reabilitação da escala humana por Rob Krier, na década de 1980.

Sob o conceito ocidental de 'flecha do tempo'<sup>7</sup>, essas desarticulações com o tempo passado e o avanço das esferas tecnológicas podem ser vistas como elementos que provocam transformações na forma de se compreender o espaço físico e com os lugares de intervenção arquitetônica na cidade, sempre solicitados pelo papel da memória.

A relação da memória com os lugares é, obviamente, de longa data e, como sugerem Fentress & Wickham (1994), a história dessa relação não deixa de ser a história das formas de conhecimento do mundo, das maneiras como as verdades sobre o mundo foram elaboradas pelas diferentes racionalidades culturais da humanidade.

Na arquitetura e no urbanismo a memória ganha um novo estatuto através do novo paradigma teórico e os novos temas definidos pelo então 'pós-modernismo' (Nesbitt, 2002). Neste novo estatuto a memória aproxima-se do espaço físico construído, que agora também ascende diferente nas disciplinas arquitetônicas e urbanísticas como *Ambiência*, ou seja, como realidade vivenciada e significada.

Por outro lado, a memória adquire força de conhecimento do mundo através do corpo, que agora retorna à arquitetura não mais como escala humana fisiológica a ser refletida no desenho espacial, mas o corpo que experimenta, que sente, que toca, que dobra; a memória aqui é força significadora neste corpo que "potencializa" o mundo. É a *memória sensível* que se relaciona com os lugares na reaproximação que a arquitetura faz entre o corpo e o edifício, entre o corpo e a cidade (Vidler *Apud* Nesbitt (2002).

Para Le Goff (2003), a trajetória da escrita na comunicação humana foi um dos mais importantes instrumentos de análise desse estatuto da memória em diferentes racionalidades, tornando esta última entidade (a memória) cativa e fixa à primeira (a comunicação). Neste mesmo caminho situam-se algumas análises contemporâneas sobre a influência das novas tecnologias de comunicação e de informatização no estatuto da memória (Read, 2006; Ascher, 1995). Tais análises centram-se na inquestionável capacidade dessas tecnologias de compor, por arquivos digitalizados, um vasto corpo de registros.

Assim como a racionalidade medieval acreditou na escritura como chave para "congelar a memória", a modernidade do século XX foi aquela que começou a desconfiar disto, dando campo ao reconhecimento de que o efeito do arquivamento pode não ser necessariamente o de "conservação" da memória, mas, pelo contrário, o de sua substituição (Huysen, 2000; Jeudy, 1990, 2005; Nora, 1997).

E se a vontade de memória se esvai, como defendem Huysen (2000) e Nora (1997) falar sobre memória torna-se questão das mais atuais na análise do espaço urbano das cidades contemporâneas. Pois, como é de fato científico, a memória está relacionada ao trato humano que lida com as emoções, ela é contingente do sistema emocional que desenvolvemos em relação com o mundo. E se as referências físicas são desarticuladas com uma rapidez nunca vista na história mundial, se os tipos psicológicos multiplicam-se como em remédios manipulados e se o papel da memória – como elemento associado à escrita – se restringe ao arquivo, então é através de uma análise subjetiva que podemos delinear esta cidade 'entre', que defendemos.

Soja (1996) defendeu a idéia de um espaço receptor de lembranças e catalisador de uma imagem correspondente à cidade idealizadora/idealizada por seu usuário em seu trabalho investigativo sobre a cidade; para o autor, um primeiro espaço (receptor de lembranças) e um segundo (ideário) mesclam-se para gerar um 'terceiro espaço'. Este terceiro espaço, aparentemente simbólico, emerge na existência e ciência de sensações, atividades e elementos imateriais que se agregam à espacialidade e conferem ao usuário das cidades (e à própria cidade) a noção de um único conglomerado. Este resultado advindo das pesquisas de Soja (Op. cit.) corrobora com nossa defesa e cimenta a ciência de que um 'entre', uma cidade que emerge da experiência do corpo no tempo, existe e muitas vezes se torna necessária.

Sob o impulso globalizador que vem redelineando os rumos da história recente, a memória emerge, portanto, como uma das preocupações centrais das sociedades (ocidentais). Num mundo em constante mutação, o passado presentificado como lugar 'redentor' – no qual podemos ancorar sonhos e expectativas, assim como elementos significantes por ele apresentados – surge como o lugar das experiências e possibilita a formação de novas imagens que reconfiguram a cidade de tantos lugares perdidos.

Esta objetivação da memória atravessa os liames da esfera privada e comove as experiências subjetivas cotidianas da cidade contemporânea. Para Randolph (2001) a investigação do "novo" não pode ser realizada sem dar conta do "velho". Aí reside o desafio de estudar a cidade contemporânea diante de suas mensagens

---

<sup>7</sup> O conceito de 'Flecha do Tempo' surge com Ilya Prigogine, prêmio Nobel da Química de 1977. Sustenta que o universo é o resultado de transformações irreversíveis em grande escala. A irreversibilidade é uma propriedade comum a todo o universo, basta pensar que todos (e tudo) envelhecemos na mesma direção. Nada, nem ninguém rejuvenesce enquanto outros (e tudo), envelhecem - daí o conceito de 'Flecha do Tempo'. No 'antipositivismo' de Prigogine aparece um caminho por onde as probabilidades reduzem a pó as certezas, com aplicações que se espalham por todo o corpo da ciência, inclusive das humanidades.

memoriais e metafóricas, as memórias cotidianas talhadas pela presença de diversas esferas de tempo, sobretudo o futuro. Memórias sensíveis, impregnadas de odores, sons, cores e texturas. Este conceito, com o decorrer de nossas análises e aprofundamentos, tornou-se incipiente para fundamentar a tese em questão, tendo sido deixado para os trabalhos de pesquisa que temos desenvolvido no grupo ASC. A memória sensível, proporcionada pela imersão nas Ambiências e por uma subjetividade do usuário, não comporta a cidade 'entre', pois vive do que reteve. Para falar do que se relacionam as novas teorias sobre a memória nas cidades é preciso incorporar o futuro.

## MEMÓRIA DO FUTURO

Como já tecemos, a memória acompanha, atravessa e entrecruza as diferentes racionalidades culturais da humanidade. Foi no reconhecimento do mundo urbano que, entretanto, a memória ganhou suas mais variadas articulações. Delgado (*Apud* Uglione, 2004), assim como Mongin (2003) cunham o termo "urbanidade geral" ou "urbanidade generalizada" para frisar que, ainda que a cidade atual produza experiências de afastamento do Outro, na sua natureza embriagadora, heterogênea e difusa, ela tem uma vitalidade que potencializa, em seu habitante, experiências intensas de memória com o mundo.

Vivemos num mundo cada vez mais urbano. Contudo, o oposto do urbano não é o rural – mas sim uma forma de vida na qual se registra uma estrita conjunção entre a morfologia espacial e a estruturação das funções sociais, associadas a obrigações rotineiras e à distribuição clara dos papéis e em acontecimentos previsíveis. Com isso, de forma análoga, pode-se dizer que o urbano está associado com o distanciamento e a frieza nas relações humanas, como sugere Mongin (*Op. cit.*). Visto por outro lado, o urbano propiciaria um relaxamento dos controles sociais e uma renúncia a formas de vigilância e fiscalização próprias de coletividades pequenas em que se supõe uma cosmovisão compartilhada entre seus membros.

A memória, neste panorama, não pode ser vista como um conceito estanque e lexicamente definido. A Geografia Humanista, a Sociologia e a História foram as primeiras ciências a sinalizar que a flexibilização deste conceito além de necessária era, também, importante para a segmentação dos saberes. Desta forma, o entendimento de que uma 'memória do presente' faz parte da compreensão do mundo construído e habitado, fato discutido desde Agostinho (ano 354-430), foi imprescindível para a estruturação de um pensamento que usa a memória como campo de estudo das cidades.

9

Para levar a cabo estas intenções, foi necessário buscar no desenvolvimento de um conceito recente – a Memória do Futuro – o fundamento para a construção de nossa pesquisa.

Haroche (2008)<sup>8</sup> prega que há que se desgarrar da idéia de memória como passado, como coisa estável, fixa, que não carrega as mudanças das subjetividades proporcionadas pelos avanços do ser-humano neste mundo e de sua total necessidade de adaptação. Se tudo muda, os registros memoriais, por sua vez, mudam e constroem cidades outras daquelas percebidas anteriormente.

Daí, cremos que, com as reinterpretações da entidade tempo, constrói-se uma noção diferenciada de espaço, adotada como repositório de uma memória operada pelo corpo, como argumenta Bergson (1990). Não uma memória fixa como já comentamos; também não uma memória sensível, que se utiliza da sensorialidade presente. Falamos de uma Memória do Futuro, um conceito que explora a compressão do tempo – ou tempos. Da mesma forma que usufrui do espaço modificado (e se subjetiva), o corpo também busca na recordação do movimento articular as representações do seu presente e os desejos de futuro. O corpo aparece como um limite entre passado e futuro e só ele trabalha inteligentemente para comprovar este tipo de memória. Ferraz (2004), um dos poucos autores brasileiros que versa sobre este conceito em arquitetura – em voga há pouco mais de seis anos, coloca:

(...) uma memória que assim chamamos por servir de espelho e de percurso, de referência; como nos primeiros relatos sobre os processos de notar, nas primeiras pinturas rupestres encontradas, estava ali a memória do futuro, o que serve de lição e de ação. O que se produziu de melhor no campo das sensações e o que se recupera sem hesitar, isto é a noção de futuro na memória.

---

<sup>8</sup> Claudine Haroche é uma socióloga/politicóloga que há muito corre riscos que poucos de seus pares ousam. (...) A ousadia de Claudine Haroche é a de encarar o homem contemporâneo: sua maneira de ser (como homem social), sua maneira de sentir (como sujeito dos afetos). Portanto "se governar", "governar os outros" é o fascinante tema dessa pensadora que não cessa de instigar a que nos pensemos como herdeiros de uma esquecida pólis e tributários de uma pouco lembrada 'politesse', que, quer queiramos ou não, está na base da constituição do processo civilizatório ocidental (*texto postado por Robert Pechman, por ocasião da palestra de HAROCHE em abril/2008*).

Mas Ferraz (Op. cit.) não se antecipa ao ineditismo, pelo contrário, toma carona em diversas especulações colocadas desde o final do século XX. Um dos primeiros episódios a manipular este conceito no Brasil foi demarcado pela Exposição 'Memória do Futuro' promovida pelo grupo Itaú Cultural (São Paulo)<sup>9</sup> em uma programação intermitente que tomou de 2002 a 2007. Focando instalações urbanas, simpósios e mesas-redondas sobre o tema 'Memória do Futuro', artistas, arquitetos, sociólogos, filósofos, psicólogos e afins eram convidados a questionar e se questionar sobre o papel da memória na sociedade contemporânea e os caminhos operados pela flexibilidade deste conceito.

Com alguns motes definidos (virtualidade, transitoriedade, cidade, imaterialidade), os convidados a executar as exposições permanentes e transitórias deixavam impressas as suas definições para o conceito, que a partir de 2006 começou a ser discutido por meio de simpósios no mesmo espaço físico.

Para os curadores desta exposição "*passado e futuro são separados por uma tênue linha chamada presente*". Como acreditamos, o presente é uma ficção necessária, pois tudo o que vivenciamos ocorre nesse instante fugaz, mesmo quando evocamos o passado ou especulamos sobre o futuro. O 'agora' parece ser uma prisão inescapável de nossa consciência.

Porém mais do que trilhar definições para o conceito – que, aliás, ficou aquém disto – a exposição propôs uma reflexão sobre espaço e tempo. As obras e os produtos que compuseram a exposição não foram apenas reminiscências de um passado específico, foram processos distribuídos numa entidade alheia aos grilhões convencionais. E, por proporcionarem um breve vislumbre do *continuum*, abriram campo para as discussões do papel do futuro no presente das cidades.

No mesmo ensejo, em 2008, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) se articula em torno da Memória do Futuro. Com o tema "A Arte da Memória e a Memória do Futuro" o IEAT-UFMG (Instituto de Estudos Transdisciplinares Avançados) buscou ressoar transdisciplinarmente os desafios que competem ao homem do século XXI enfrentar. E, atuando com diversas ciências, a arquitetura se posicionou frente a este impasse.

Em sua abordagem dentro das cidades (e dos caminhos da arquitetura), Brandão (2006) coloca que o fenômeno de retenção tem feito com que o ato de recordar desapareça e transforme os símbolos em imagens com valores reais, um simulacro perfeito (como alguns teóricos já mencionaram – entre eles Baudrillard, 1991; Huyssen, 2000; Nora, 1997). Porque é possível enumerar e catalogar tantas ruas, quadras, edifícios e espaços quanto os livros incontáveis da Biblioteca de Babel de Borges,<sup>10</sup> é que a memória contemporânea falsifica os nomes, a ordem das coisas. Brandão diz "(...) a memória mente". E por não cometer crime algum, fica perdoada como está.

Imagem e simulacro são, portanto, conceitos associados ao de Memória do Futuro. Consecutivamente, ao compreender a evolução do *corpus* da imagem simulada, encontramos também o campo da evocação da memória, não uma memória que se utiliza do passado para amalgamar uma lembrança, mas uma memória que opera por força própria e reconstrói uma imagem preexistente.

Ulteriormente à exposição em São Paulo (1999-2007) e mesmo ao Seminário do IEAT (2008) foi a Ciência da Computação que fabricou o preceito, que simplesmente se define assim:

‘MEMÓRIA DO FUTURO’ – É AQUELA QUE RETEM, QUE PREVÊ.

Da tecnologia da informação para as artes e a arquitetura, depois de perpassar tantos acontecimentos, podemos autoctonamente e justamente fabricar o conceito de Memória do Futuro:

É aquela que opera nos limites promovidos pela distância do tempo linear deixado para trás e pela proximidade de um futuro que se apresenta, subjetivamente, ideal; que possui uma realidade própria e quando, fixada em imagem(ns), diagnostica e critica o tempo presente, fazendo surgir uma metáfora das relações de ordem pessoal, social e cultural; que funciona como um ímã na construção de uma cidade desalojada, talhada em espaços imateriais.

Resumidamente, a Memória do Futuro é o elo que associa o espaço da cidade em que se catalisam as lembranças e aquele produzido por um ideário individual e coletivo (um imaginário, antes de tudo), favorecendo a construção de uma cidade 'entre'. Há mais de treze séculos, Agostinho (Confissões XI, *Apud* Le Goff, 2003) corroborou com esta versão ao comentar de diversos tipos de 'presente' que trabalhariam para fundamentar nossa compreensão de mundo e promover a fundação de um espaço determinável e assimilável diante das variações de tempo, como comentamos. Este "*presente das coisas futuras*" (Id., *Ibidem*), que Agostinho defendeu, é resultado de uma interpretação consistente do poder de mudança

<sup>9</sup> Para mais detalhes acessar: <<http://www.itaucultural.org.br/memoriadofuturo/>>.

<sup>10</sup> Ver BORGES, J.L. (1989). *Ficções*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

associado aos avanços da sociedade, da comunicação, dos espaços construídos e da forma de operação sensorial da memória. E é através desses parâmetros que o corpo e a cidade se fundem em imagem ('entre').

### **CORPO + IMAGEM + CIDADE = tangências concretas**

O mundo surge a nós primeiramente como objeto sensível<sup>11</sup> que se alinha com a nossa representação pessoal; é pelo "corpo-a-corpo", pela noção de centralidade do "Eu" que a nossa aventura do conhecimento espacial tem início. É o corpo que se encarna na cidade.

Para compreendermos o panorama do corpo na cidade, tomamos como base algumas recentes teorizações sobre o corpo na arquitetura (Boyer, 2006; Read, 2006), como forma de relacionar a busca de uma Memória do Futuro. Não nos interessa rodear questões sobre subjetividade; ou questões relacionadas à experiência do movimento (que está relacionada à questão dos deslocamentos); ou mesmo talhar o desenvolvimento do corpo historicamente, o que nos levaria para outros tipos de consideração, que não os desejados. Interessamos aqui apresentar material de fundamentação para entender os princípios de *relacionamento contemporâneo* do corpo que 'navega' e usufrui a cidade, ao mesmo tempo em que ambos são modificados mutuamente por necessidades de adaptação e de reestruturação.

Bergson (1990) expõe esse relacionamento quando associa o papel do corpo (como matéria) no reconhecimento das imagens (como memória). Este autor, em especial, traçou um panorama filosófico-fenomenológico sobre a união destas duas entidades no campo da representação e do que ele nomeou como "teoria da memória", assim colocando:

Dizíamos que o corpo, colocado entre objetos que agem sobre ele e os que ele influencia, não é mais que um condutor, encarregado de recolher os movimentos e de transmiti-los, quando não os retêm, a certos mecanismos motores (...). Tudo deve se passar, portanto, como se uma memória independente juntasse imagens ao longo do tempo à medida que elas se produzem, e como se nosso corpo, com aquilo que o cerca, não fosse mais que uma dessas imagens.

11

Esta elaboração inicial cedeu lugar a um novo tipo de compreensão conforme algumas hipóteses de Bergson (1990) caminhavam para a incerteza. Se o passado sobreviria somente nos corpos através de mecanismos motores (ou a memória impregnada na transmissão do movimento), será possível que um corpo sem experiências pudesse englobar a memória? A resposta do autor foi uma nova hipótese (na verdade, duas): o passado pode sobreviver através de lembranças independentes (1); e o reconhecimento de um objeto se faz pela ação do movimento (quando emana do próprio objeto) ou por representações (quando emana do sujeito).

Da mesma forma que a hipótese de Bergson (Op. cit.), temas envolvendo o corpo humano, em suas capacidades intelectuais e sensoriais, têm sido analisados dentro de diversas teorias arquitetônicas. A organização do corpo, tendo como conquista mais espetacular o surgimento de uma matemática do olhar que se baseia na perspectiva, foi central para o desenvolvimento do Humanismo. No entanto, após esta inserção, o discurso arquitetônico passou a lidar com um conceito estático de corpo, no qual as capacidades aludiam a uma busca por centralização dos objetos e não correspondem, nem de longe, às pesquisas e necessidades científicas e estéticas nas teorias atuais sobre o corpo. Partindo dessas noções, afirmamos que a leitura contemporânea do espaço estruturado sugere uma noção de corpo que se pauta sobre os diversos tipos possíveis de fabricação da imagem (assim como para o tempo): o corpo individual, o coletivo, o místico, o corporativo e institucional e o corpo etológico – que é feito, hoje, de variações entre a rapidez e a lentidão, muito mais que pela diferenciação cultural, num contexto de múltiplas possibilidades e trocas (Boyer, 2006, p.31).

Diante disso, a mesclagem de tempos (ampliada nos últimos anos pela interatividade com o mundo digital) torna o conjunto de lembranças sustentado pelo corpo uma entidade atemporal e randômica, que pode ser acessada em diversos instantes ou mesmo ilusionada. Se os corpos se sustentam, então, em multiplicidade de tempos, a apreensão do tempo e do espaço presentes é feita em multiplicidade de imagens.

Concordamos com Deleuze e Guattari (1995) que é necessário entender os tipos de corpos – acima apresentados, de forma a considerar os efeitos e processos da desterritorialização (ou fixidez em múltiplos lugares) na postura do homem contemporâneo. Contudo, o que os corpos podem se tornar, ou o que as novas organizações espaciais podem trazer – que esbarra no conceito de organismo, ou máquina, defendido

---

<sup>11</sup> Sensível é "aquilo que pode ser percebido pelos sentidos. Nesta acepção, 'o sensível' é o objeto próprio do conhecimento sensível, assim como 'o inteligível' é o objeto próprio do conhecimento intelectual." (ABBAGNANO. Dicionário dos Termos Filosóficos, 1970, p. 840).

pelos autores – depende do tipo de evento que se vive. Para Deleuze e Guattari (Op. cit.), a questão recorrente é a experiência, é justamente, “o que o corpo pode fazer(?)”.

Com a injeção de sensibilidade na compreensão do conceito espacial que culminou no termo ‘espaço-tempo’ gerido por Gideon (1967), a idéia de corpo na cidade modificou-se bastante, à custa de um reposicionamento do indivíduo como entidade subjetiva (de escolhas e tomadas de decisões também individuais). A cidade e o corpo em todos os tempos e, principalmente, na contemporaneidade, jogam como sistemas que envolvem processos complexos que permanecem invisíveis ou inespecificados. Para Boyer (2006, p. 27) um “*sistema altamente complexo é aquele em que o observador não tem completo conhecimento ou informação de todos os seus nexos e no qual não é possível acontecer uma completa descrição operacional ou estrutural de como ele funciona*”. Para desfrangir (usando um termo da ciência da computação) esta noção, buscamos os relatos e as memórias sobrepostas por tempos e subjetividades da Memória do Futuro, aquela que funciona como estrutura globalizante. E, como dissemos anteriormente, ela opera através da imagem, da estética absorvida como elemento imprescindível à caracterização da representação.

Através da construção (impalpável e tantas vezes imperceptível) de uma imagem subjetiva que explica a cidade da complexidade, baseada – como diversas teorias acreditam – na sensorialidade do corpo em movimento e do tempo em seus diversos níveis de apreensão (o que vimos, o que esperamos), a Memória do Futuro participa da interpretação do mundo vivido como uma entidade frequentemente associada a essa estética de representação. Mas que tipo de estética falamos?

O termo *estética* nasce com a palavra grega *aisthesis*, que representa toda a região da percepção e sensação humanas, em contraste com o domínio mais rarefeito do pensamento conceitual. Algumas mudanças, dentro do próprio conceito, se deram ao longo dos séculos, mas a distinção que o termo ‘estética’ perfez, em meados do séc. XVIII, fixou-se para o conhecimento sendo não aquela entre ‘arte’ e ‘vida’, mas entre o *material* e o *imaterial*: entre coisas e pensamentos, entre sensações e idéias.

Foi mais precisamente nos anos 60 do século passado (um período de profunda inflexão) que pudemos identificar as primeiras tentativas de uma estética voltada ao mundo complexo e digital, gerando também um ideário de cidade compatível com uma imagem amplamente veiculada. Com o aparecimento das técnicas de comunicação eletrônica e do tratamento automático da informação, olhares de estudiosos se voltaram para a teoria da informação tentando, a partir desta vertente, delinear novas propostas no campo da imagem representacional. As estéticas informacionais, desenvolvidas por Abraham Moles e Max Bense (1975), são um bom exemplo neste sentido; elas favoreceram uma compreensão de mundo que se baseia nos fluxos e nas redes de comunicação, numa leitura da cidade composta por núcleos e que acaba por influenciar a imagem que se apregea da cidade – o espaço urbano habitado.

Quando mencionamos ‘cidade’, não falamos de uma cidade bombardeada por prognósticos futuristas de ausência do espaço físico, como a cidade virtual nos tem sido apresentada por diversos autores, entre eles Carter (2004)<sup>12</sup>, quando defende que a cidade controlada é uma cidade desejada. Não é de se espantar que seus resultados cheguem a isso, pois outros teóricos (Mongin, 2003; Cuff, 2000) apresentaram suas teses de que na cidade do controle – onde as opções são escassas, a fricção é domesticada e a ordem é imperante – a coexistência é sempre amistosa e planejada. Pois é justamente dessa cidade que não falamos. Falamos de uma cidade habitada e construída no campo tangível das interpretações, muito mais próxima das ‘Cidades Invisíveis’ (Calvino, 1997) do que de ‘Nova Babilônia’ (escritos Situacionistas, 1959).<sup>13</sup>

Para Calvino, cada uma das cidades visitadas por Marco Pólo é um encontro com o desejo interior; às vezes cidade mundana, às vezes poética, cidade do medo, da lembrança, do encontro ou da perda. Cidades que comportam explicações para partes desafiadoras de uma mesma cidade e, de forma encantadora, são nomeadas.

Já a *Nova Babilônia* dos Situacionistas encontra no escape da área fisicamente estabelecida para as cidades a solução para a manifestação e evolução de outra cidade densamente povoada de vontades e concreto:

---

<sup>12</sup> Para a autora, um novo tipo de cidade surge no século XXI com habitantes e edificações em iguais proporções: a cidade virtual. Uma cidade que vive em comunidade e tem se encarregado de trazer suas experiências, relações humanas e ‘background’ da cidade física para um mundo não-palpável, de forma aparentemente mais organizada e harmoniosa do que nas relações cotidianas da cidade real.

<sup>13</sup> Constant Nieuwenhuis expõe seus primeiros estudos sobre a Cidade Situacionista (Nova Babilônia) – neste texto traduzido por Luís Guilherme, com o título “Outra Cidade para Outra Vida”, vemos um escrito de fuga, de apelo a outra dimensão física para a construção de uma outra cidade. Como consta na referência do texto, este “(...) é um dos primeiros escritos publicados de Constant sobre a ‘Nova Babilônia’. A cidade situacionista foi por ele concebida através de diversos escritos, mapas e maquetes e levou ao seu desentendimento com Guy Debord e conseqüente desligamento da Internacional Situacionista (IS) em 1960. Constant continuaria a modelá-la, até publicar em 1974 o manifesto denominado ‘New Babylon’”.

Diante da necessidade de construir rapidamente cidades inteiras, erguem-se cemitérios de cimento armado onde grande parte da população está condenada a levar uma vida muito enfadonha. Ora, para que servem as incríveis invenções técnicas do mundo atual se faltam condições para delas tirar proveito, se não conduzem ao lazer, se há carência de imaginação? Desejamos a aventura. Como é difícil encontrá-la na Terra. Há quem a procure na Lua. Apostamos antes de tudo e sempre numa mudança aqui na Terra. Nossa proposta é de nela criar situações, situações novas. Queremos derrubar leis que impedem o desenvolvimento de atividades eficazes para a vida e a cultura (Constant Nieuwenhuis, 1959).

Na busca por esta cidade, Constant Nieuwenhuis constrói seu projeto de futuro através de colagens, pinturas, e tantas técnicas outras que, por si, já demonstram a necessidade de materialização urgente dessa cidade. Ela não é uma metáfora calada do que o futuro, no jogo ativo com o passado, pode reservar. Ela é uma intenção clara de construção e modificação e, portanto, um objeto que deve nascer:

Estamos inventando técnicas novas; examinamos as possibilidades que as cidades existentes oferecem; fazemos maquetes e mapas para as cidades futuras. Estamos conscientes da necessidade de aproveitar todas as invenções técnicas e sabemos que as construções futuras que desejamos precisarão ser suficientemente maleáveis para corresponder a uma noção dinâmica da vida (Op. cit., 1959).



13

Fig. 1: A cidade deseja existir; Nova Babilônia em recortes. Fonte: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=357>>.



Fig. 2a: Plano de vista – o alhures é aqui; Nova Babilônia em Litografia. Fonte: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=357>>



Fig. 2b: Plano de vista particular; Nova Babilônia à lápis. Fonte: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=357>>.

Uma cidade que se pretende existir aporta nos estudos situacionistas de Nieuwenhuis, sem a presença do corpo para domá-la; uma cidade que é vista além daquela que, fisicamente, se estabelece adornada de narrativas para os corpos, aporta em Calvino (1997). Nas duas cidades as intenções são originalmente similares: o desejo por algum tipo de construção futura.

Na exposição *Mutations* (2001)<sup>14</sup> Rem Koolhaas sinaliza, entre a retórica e o jogo da provocação, os impasses do urbanismo atual diante de cidades contemporâneas instáveis e da presença de tecidos urbanos ininterruptos, nos quais não se percebem mais com clareza os limites, e nos quais a própria fisicalidade da cidade é questionada.

Absorvendo os resultados de *Mutations*, um grupo liderado por Stefano Boeri, com o auxílio de Rem Koolhaas, Sanford Kwinter e Nadia Tazi, reuniu um grupo de alunos da Escola de Design de Harvard e da Rice University em 2001 e lançou a tarefa de definir a cidade contemporânea (complexa) dentro do conjunto de experiências por que vinham passando e experimentando nos últimos cinco anos. A lista que se segue, como numa bula para uma doença em contingência, é um breve resumo das várias páginas surgidas sob a égide da 'nova' permanência (Boyer, 2006, p. 39-40):

1. A cidade é a própria complexidade e não há solução imanente para sua grandeza, nem início, nem fim para a sua miríade de problemas. A cidade perdeu sua face, identidade e passou a compreender o múltiplo, o não-linear e a problemática interconectada por visões totalizantes. Por esta razão, a abordagem do urbano, do espaço e do tempo deve ser redefinida;
2. A cidade contemporânea é uma cidade emergente que fala de descontinuidades e rupturas. Sua dinâmica é caótica, imprevisível e sua trajetória é indefinida – algo completamente novo do que existiu antes. Ela expurga o passado;
3. A cidade é informação. Seu realismo é o seu conjunto de arquivos e esta manifestação é arquivada numa pasta dinâmica, recipiente de conhecimento global. A infraestrutura da cidade corresponde a sistemas de cálculo de todos os tipos. A informação é o elemento básico que caracteriza a cidade contemporânea;
4. A cidade é uma caixa de marcha, um sistema de forças em movimento, um grupo de camadas e fluxos. Pode-se pensar em variações de vetores compostos por linhas e nós por onde a comunicação flui. A informação é, mais uma vez, a chave da sua organização, mas deve ser considerada em todos os seus aspectos dinâmicos.
5. A cidade é um sistema de organização auto-poiética;
6. A cidade Genérica só se torna real sob condições locais; desta forma, cada cidade é uma combinação histórica de modalidades em composição dinâmica. Possui também uma significação 'quase' ecológica: o que flui em um lugar irá fluir novamente muito mais e em um ambiente mais favorável. Há um 'dispositivo local' (termo de Foucault) para a mutação material do lugar;

---

<sup>14</sup> A Exposição *Mutations* foi publicada pela Actar Editorial em 2001.

7. A cidade é um sistema interativo complexo de centros e nódulos = Comércio = Movimento = Ecologia. Há diversidade, complexidade e flexibilidade em sua estrutura e comportamento, acompanhado de uma rede infinita de fluidez e trocas.

Com a definição concatenadora de que a cidade contemporânea é um sistema *auto-poietico de complexidade, informação, fluidez e alienação do passado*, podemos perceber que o modelo de desenvolvimento citadino associado à contemporaneidade tende a ocultar sua 'memória' e protagonizar um crescimento fragmentado e não-linear. Neste ponto, torna-se ainda mais importante considerar, reflexivamente, como a fixação do corpo e da imagem das cidades se solidifica através de um conceito de memória que não se resume aos aspectos passados, antes, se institui nas qualidades intrínsecas a essa cidade (velocidade, complexidade, transitoriedade). Nossos esforços têm sido os de amontoar e posicionar todo um arsenal teórico que se lança sobre este tema, de forma a ressaltar os pormenores que demonstram ser a Memória do Futuro não apenas importante, mas necessária.

Alguns fenômenos da contemporaneidade vêm estruturando nas cidades (cada vez mais urbanas) a existência 'carnal' de uma cidade entremeada com os desejos de permanência e mobilidade, uma cidade que não comporta o extrato físico e, por conseguinte, não precisa 'nascer'. Antes, se alimenta de sua própria concepção e dela se mantém.

Reconhecemos que a cidade, em sua multiplicação de signos, é ainda – como sempre foi – lugar de encontro, de conhecimento do Outro e de experiência. Mas ao passo em que se reestruturam as noções de espaço e tempo e, de forma conexas, os padrões de compreensão e convívio entre seus usuários – muito mais individualizados – mais a ideia de que existe um espaço 'entre' se solidifica, espaço este representado imageticamente, separado por cada indivíduo (como corpo) para ancorar suas representações, expectativas e anseios, mesmo que alheios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um corpo só é só um corpo; mas muitos corpos são uma rede. A imagem da rede nos propõe uma multiplicidade de conexões em movimento constante; o ir e vir das informações constitui importante processo de comunicação que se desenvolve nos recortes espaciais (materiais ou imateriais) escolhidos para seu desenvolvimento. Se assim a cidade contemporânea se apresenta, também assim sua apreensão se faz: ambulante, multiplicadora, desenfreada. Mas, ao passo que as imagens se proliferam, diminuem os anseios por fidelidade. Ao fabricar mais e repetidos modelos de estruturas públicas e privadas em sítios cheios de retalhos superpostos, a arquitetura se insere na condição de transportadora da informação. É fato que diversas imagens se espalham com facilidade por diversos cenários, ampliando o sentido de desterritorialização do homem e trazendo a memória como uma entidade de estudo. É fato, também, que existem vários casos de exceção.

Deleuze e Guattari (1995) sinalizaram que as construções dos espaços urbanos na contemporaneidade são máquinas enunciativas de novos tempos, ou seja, seu alcance vai além de suas estruturas visíveis e funcionais, pois interpela os sujeitos das mais variadas maneiras: histórica, funcional, afetiva, simbólica, estilística.

Cada conjunto material que produz a cidade é um foco de subjetivação. *“Não seria demais enfatizar que a consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões maquinicas e [desejáveis] universos incorporais”* (Op. cit., p.161-162). Falar desses universos é abarcar o papel da memória na manutenção do corpo que 'navega' por diversos espaços.

Mas o que marca a cidade contemporânea, senão a compreensão de que a contemporaneidade não tem um limite definido, espraia-se por todas as rebarbas possíveis? Atrela-se, assim, um processo de subjetivação que aponta para o surgimento de um universo homogêneo em sua *diversidade*, trazendo a ilusão de que a cidade é única em sua estruturação, de que o urbano está em todo lugar, de que o mundo é uma extensa cidade.

É justamente na transposição dos espaços tradicionais, consolidados e históricos para a “colagem urbana”<sup>15</sup> flexível e mutante que há, primeiramente, o surgimento de um espaço urbano que se reproduz. Em segundo plano, há um esmaecimento das relações de *pertencimento* na cultura contemporânea, ao que Jameson (1997) chamou de “esmaecimento do afeto”, e este esmaecimento demarca um emblema programático visual

---

<sup>15</sup> Numa alusão à ROWE, Colin. *Collage City*. Cambridge: MIT Press, 1978. In: NESBITT, Kate (org.). *Theorizing a New Agenda for Architecture*. New York : Princeton Architectural Press, 1996.

que se incorpora em diversas formas de compreender as transformações urbano-arquitetônicas do espaço contemporâneo.

*“Vivemos em um mundo urbano onde o que quer que se viva, ou se experimente, é capturado pelo que consideramos ‘urbanidade’”,* coloca Read (2006, p. 49). Para o autor, estamos ‘suspensos’ por uma noção instaurada de velocidade, conexão e mundo tecnológico que se constitui um resumo de nossas próprias vidas. Diante do confronto com o momento derradeiro em que nos tornamos urbanos (em essência), o termo perde seu fundamento, como Boyer (2006) sinaliza. Nesta ideia, o termo ‘urbano’ perde o seu oposto – periferia ou rural – e se insere nas contradições do que ‘é ou não’ uma cidade, o que é ‘de fora’ e ‘da’ cidade. Apontar, hoje, que nosso mundo é urbano significa apontar para um único pólo de dualidade e assumir que representamos um estado de ‘ser’.

Podemos dizer, aí, que a maior característica da memória (do futuro) e do corpo, na cidade contemporânea, é tão somente o de desenvolver uma nova imagem, este ‘estado de ser’: assimilável e possível.

Mongin (2003, p. 35) coloca que *“a expressão da nova imagem das cidades designa um reino de urbanidade generalizada: o urbano em todo lugar”*, como também apontamos em linhas anteriores. Para Read (2006, p. 50) o avanço deste ‘domínio urbano’ é uma experiência linear baseada na memória e dela podemos esperar pouca ou nenhuma remissão desse estado pleno de interferência.

Finalizando, podemos colocar que abordar o ‘urbano’ (a cidade) como um objetivo ou ‘força empreendedora’ representa, para nós, uma tentativa de analisar a constituição do corpo e da memória, nossos primeiros suportes informacionais. Nossos estudos têm apontado, em todas as direções, que o caminho da cidade que ainda será projetada (em coexistência com sua história prévia) é o de incorporar estes anseios coletivos que o corpo carrega como ferramenta para sua inserção no mundo construído. Para isto, nenhum outro conceito se encaixa com mais fidelidade do que a Memória do Futuro, com seu corolário de ‘previsão’ e ‘retenção’. Ao admitir que tal conceito é possível, que ele participa da interpretação do espaço físico das cidades, também admitimos que a cidade por ele se traduz.

Entendemos que ela (a cidade), em sua ordem dinâmica, está ligada a universos mais concretos, ‘reais’ e auto-propagadores, menos transcendentais e inclinados a obedecer ‘ao que faz sentido’ para poucos; ao contrário, só ela (a cidade), em todas essas buscas, faz sentido (Read, 2006, p. 50).

## Bibliografia:

- ASCHER, François (1995). *Metapolis. Acerca do futuro da cidade*. Trad. de Álvaro Domingues, Lisboa: Celta editora. (Paris: Éditions Odile Jacob).
- BARTHES, R. (1977). *Incidentes*. Tradução de Julho Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara.
- \_\_\_\_\_. (1984). *A Câmara Clara*. Trad. Júlio Castañon Guimarães, 7ª impressão, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- BAUDRILLARD, J. (1978). *Cultura y Simulacro*. Barcelona: Kairós, 1991.
- BERGSON, H. (1990). *Matéria e Memória*. Trad. de Paulo Neves da Silva, São Paulo: Martins Fontes.
- BENSE, M. (1975). *Pequena Estética*. São Paulo: Perspectiva.
- BOYER, C. (2006). *The Body in the City: a discourse on cyberscience*. In: HAUPTMANN, D. (org.), *The Body in Architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, pp. 26-47.
- BRANDÃO, C.A.L. (2006). *As Cidades da Cidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, IEAT.
- CALVINO, I. (1997). *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Martins Fontes.
- CARTER (2004). *New Locations: the virtual city*. In: < <http://www.anthropologymatters.com>>, vol. 6, n.1
- CERTEAU, M. (1994). *Caminhadas pela Cidade*. In: *A invenção do cotidiano*, Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1980). *L'invention du Quotidien*. Paris, Union Générale d'Éditions: 1980.
- CUFF, D. (2003). *Immanent Domain: pervasive computing and the public realm*. London: Journal of Architectural Education, n. 57, vol. I, pp. 43-49.
- DELEUZE, G. et GUATTARI, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I, São Paulo: Ed. 34.
- DUARTE, F. (2002). *Crise das Matrizes Espaciais. Arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- ENGEL, P. (2006). *Produzindo um Corpo Sensível: algumas ideias para (re)pensar a aprendizagem da percepção na formação do arquiteto*. Texto publicado na Revista Vitruvius, disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp506.asp>>.
- FENTRESS, James & WICKHAM, Chris (1994). *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema.
- FERRAZ, M. (2004). *Memória do Futuro*. Texto publicado originalmente na Revista Eletrônica Universia em 19.11.2004. Acessado em 05.02.2008, disponível em <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=5695>>.
- GIDEON, S. (1967). *Space, Time and Architecture*. Fifth Edition, Harvard University Press.
- HAROCHE, C. (2008). *O Futuro do Sensível: os sentidos e os sentimentos em questão*. Rio de Janeiro: palestra proferida na sede do Ippur/UFRJ, em 07/04/2008, duração de 3h.
- HUYSEN, A. (2000). *Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumento, mídia*. Aeroplano Editora. Rio de Janeiro.
- JEUDY, H.P. (1990). *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- KOOLHAAS, R. (1995). *SMLXXL*. In: *The Generic City*. Rotterdam: 010 Publishers (Trad. ital. Domus 791.Milão. 1977).
- LE GOFF, J. (2003). *História e Memória*. Trad. de Bernardo Leitão et al., 5. Edição, Campinas, SP: Ed. Unicamp.
- MITCHELL, W. (1995). *E-Topia: Urban Life, Jim – but Not as We Know It*. Cambridge: MIT Press.
- MONGIN, O. (2003). *De La Ville à la Non-ville*. In: RONCAYOLO, M.; JACQUES, L.; PAQUOT, T.; CARDINALLI, O. *De La Ville e du Citadin, Paris : Éditions Parenthèses*, pp. 35-51.
- MOSCOVICI, S. (1978-1961). *A Representação Social da Psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1993). *Des représentations collectives aux représentations sociales*. In: JODELET, D. (org.) *Les représentations sociales*, Paris: PUF, pp. 62-86.
- NESBITT, K. (org.) (2002). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NORA, P. (1997). *Les Lieux de Mémoires*. Gallimard, Paris.
- RANDOLPH, R. (2001). *O Espaço na/da Sociedade da Informação. Reflexão Teórico-Metodológica e Crítica a Respeito do seu Novo Caráter enquanto Ciberespaço*. In: *Ética, Planejamento e Construção Democrática do Espaço*, Anais do IX Encontro Da Anpur, 2001, P. 1756-1767.
- READ, S. (2006). *The Urban Image: becoming visible*. In: HAUPTMANN, D. (org.), *The Body in Architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, pp. 48-65.
- ROSSI, A. (1995). *Arquitetura da Cidade*. Editora: Martins Fontes, São Paulo.
- SOJA, E. (1996). *Thirdspace. Journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places*. Cambridge, Massachussets: Blackwell.
- UGLIONE, P. (2004). *Lembranas Subterrâneas: Ferramenta para a Leitura dos Lugares de Memória - pesquisa de doutoramento submetida ao Proarq/ UFRJ*.
- VIDLER, A. (2006). *The b-b-b Body: Block, Blob, Blur*. In: HAUPTMANN, D. (org.), *The Body in Architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, pp. 130-137.
- VIRILIO, P. (1993). *A Cidade Superexposta*. In: \_\_\_\_\_, *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, pp. 07-21.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Estética de la Desaparición*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1988.
- VIDLER, A. (2006). *The b-b-b Body: Block, Blob, Blur*. In: HAUPTMANN, D. (org.) *The Body in Architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, pp. 130-137.

## Listagem das ilustrações:

1. Nova Babilônia – colagem de Constant Nieuwenhuis, 1960. Obtido em <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=357>>.
2. Nova Babilônia – litografia de Constant Nieuwenhuis, 1960. Obtido em <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=357>>.
3. Nova Babilônia – lápis sobre papel de Constant Nieuwenhuis, 1960. Obtido em <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=357>>.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.